

R E S E N H A

Os Estabelecidos e os Outsiders

Norbert Elias e John L. Scotson

ALEXANDRE BERGAMIN VIEIRA

UNESP – Presidente Prudente

alegeobv@yahoo.com.br

O livro *Os estabelecidos e os outsiders*, vinculada à sociologia histórica, foi publicado pela primeira vez no ano de 1965, baseado em uma pesquisa empírica de duração de três anos, realizada por um dos autores (o professor da escola básica John Scoatson) numa pequena cidade inglesa (denominada fictivamente de Winston Parva), de aproximadamente cinco mil habitantes na região de Leicester, com o objetivo inicial de compreender a delinquência juvenil.

Porém, com a colaboração de Norbert Elias, e com a combinação dos dados obtidos pela pesquisa empírica participante (o professor Scotson era membro “outsiders respeitado” da comunidade), estatísticas oficiais, relatórios governamentais, documentos jurídicos e jornalísticos, que permitem alcançar diferentes pontos de vista sobre a realidade social, o texto buscou refletir como, em uma pequena cidade inglesa, membros de um determinado grupo, residentes em determinada área da cidade (os estabelecidos), mantêm entre si a crença de que não são apenas mais poderosos, mas seres humanos melhores do que o outro grupo (os outsiders)? E, ainda, “que meios eles utilizam para impor a crença em sua superioridade humana aos que são menos poderosos” (p.20).

Ou seja, os autores se propõem a realizar um trabalho que procura compreender as relações de poder existente entre os grupos estabelecidos e outsiders, analisar como ocorre a estigmatização de um grupo em relação ao outro numa pequena cidade onde não se observava diferenças nas paisagens dos distintos bairros, não havia uma diferença nos padrões das moradias, a nacionalidade dos moradores dos bairros era a mesma, não se percebia diferenças de raça, cor ou religião; os moradores possuíam o mesmo tipo de ocupação e emprego e, portanto, não havia diferenças nos níveis de renda e educação entre eles.

Assim, a partir da análise da cidade, cujo um bairro apresentava um maior número de ocorrências de delinquência entre os jovens, em relação aos outros dois bairros da cidade e que, no decorrer da pesquisa, passa a inexistir a diferença, os autores procuraram compreender como um estudo em escala local permite explicar eventos parecidos na escala global, como a exclusão social, por exemplo.

Portanto, esta é uma grande contribuição do livro para o conhecimento científico, procurando, a partir de um estudo de caso, levantar elementos que permitam compreender como ocorre a estigmatização de diferentes grupos sociais (no caso do livro, os outsiders) na sociedade como um todo.

Porém, neste sentido, o livro, e a própria realidade analisada, não permite que se identifique

na cidade e na sociedade como um todo as desigualdades existentes entre as diferentes classes sociais, como se observa nas diferentes realidades urbanas atuais, pois os autores afirmam que a relação estabelecidos e outsiders não se resume às desigualdades econômicas existentes, indo além delas, abarcando outras relações e fatores sociais e culturais, tecendo, assim, severas críticas ao “economicismo” da obra de Marx, que, para os autores, não explicaria a relação estabelecidos e outsiders na realidade analisada.

Assim, percebe-se que a obra, apesar da riquíssima contribuição à análise sociológica da realidade de uma pequena cidade inglesa da década de 1960, não possibilita a análise da realidade socioespacial das diferentes cidades do período de estudo nem as cidades contemporâneas, onde os processos de segregação socioespacial e exclusão social são cada vez mais acirrados e o reconhecimento da existência do conflito de classe é essencial para a compreensão da realidade.

Isso reflete a complexidade que se apresenta aos pesquisadores sociais em compreender as relações entre pessoas e grupos na sociedade que não é em momento algum estática, mas mutável e tremendamente desigual e que necessita da análise multidisciplinar para possibilitar a completude do conhecimento científico, que cada vez mais se apresenta fragmentado.

O que os autores afirmam é que o principal fator na formação da relação estabelecidos e outsiders seria o tempo de moradia na cidade e a coesão possibilitada por isso no grupo estabelecido, pois apresentavam um passado comum que permitia ao grupo um estoque de apegos, lembranças e aversões comuns.

Ou seja, o grupo estabelecido vivia na cidade, mais especificamente na Zona 2, denominada de *aldeia*, há duas ou três gerações, desde a fundação da cidade por Charles Wilson, em 1880, quando da construção de aproximadamente 700 casas idênticas. Isso permitiu com que o grupo adquirisse costumes, tradições e um estilo de vida próprios que os permitia diferenciar-se dos forasteiros/outsideiros residentes na Zona 3 (*beco dos ratos* ou *loteamento*), construído nos anos de 1930, recém chegados, sem vínculos pessoais e com o local e com costumes e culturas diferentes.

Essa discussão poderia remeter-se ao conceito de lugar, pois os estabelecidos tinham o sentido de pertencimento e se reconheciam pelo seu local de habitação. Suas relações pessoais e profissionais oriundas de longo período lhes permitia uma coesão como grupo social, fechado e exclusivo, fomentando o preconceito e a estigmatização daqueles que não pertenciam ao lugar, para os recém chegados, que, no imaginário coletivo criado pelo grupo estabelecido, era uma grande ameaça aos “bons costumes” do lugar.

No entanto, por ser um trabalho sociológico, o livro não valorizou esta questão do conceito de lugar como um dos fatores determinantes na consolidação da relação estabelecidos (do lugar) e os outsiders (forasteiros).

O que aponta também para não considerarem a questão espacial no processo de diferenciação entre estabelecidos e outsiders, como ocorre nos processos de segregação socioespacial e exclusão social, que também refletem as desigualdades e as diferenciações existentes nos espaços intraurbanos contemporâneos.

Entende-se ainda que os autores, mesmo adotando uma perspectiva de compreender e desvendar as características de determinada especificidade social, em uma pequena comunidade

a partir do processo histórico, ou seja, uma leitura da sociedade não pelo “aqui e agora”, fazem uma leitura da realidade que não considere as possibilidades de transformação e mudança a partir dos conflitos existentes, pois para eles o processo de exclusão e estigmatização de um grupo pelo outro não foi um plano premeditado ou concebido a partir de um planejamento prévio.

Seria resultado apenas de uma ideologia de que os forasteiros são desordeiros, que não se enquadram nos padrões sociais estabelecidos naquela comunidade que possui determinados costumes e tradições que não devem ser questionados.

Além disso, a estigmatização dos outsiders pelos estabelecidos apenas seria possível pela aceitação desta condição pelos primeiros, sendo, portanto, um processo característico da formação histórica daquela pequena cidade, não apresentando, assim, possibilidades de serem revertidos, pois não haveria culpados, como podemos observar na citação a seguir.

Os aldeões (...) formavam um grupo relativamente fechado. Tinham desenvolvido tradições e padrões próprios. Quem não cumpria essas normas era excluído como sendo de qualidade inferior. (...) Entraram na luta contra os intrusos, usando todas as armas características de que dispõem as comunidades bem estabelecidas e razoavelmente unidas, em suas relações com os grupos recém chegados. (...) Eles cerraram fileiras contra os intrusos. Esnobaram-nos. Excluíram-nos de todos os postos de poder social, fosse na política local, nas associações beneficentes ou em qualquer outra organização local em que sua influência fosse predominante. Acima de tudo, desenvolveram como arma uma “ideologia”, um sistema de atitudes e crenças que enfatizava e justificava sua própria superioridade, e que rotulava as pessoas do loteamento como sendo de categoria inferior. Ela também ajudou a bloquear a percepção de qualquer acontecimento que tivesse alguma possibilidade de contradizê-la. Isso não quer dizer que houvesse um plano deliberado dos “aldeões” de agir dessa maneira. Tratou-se de uma reação involuntária a uma situação específica conforme a toda a estrutura, toda tradição e visão de mundo da comunidade aldeã. (ELIAS e SCOTSON, p.65)

No entanto, uma ideologia não se relaciona apenas com uma situação específica, como apontam os autores. E a relação estabelecidos e outsiders não era específica apenas daquele período, pois a própria comunidade dos aldeões, dos estabelecidos existia e exercia sua “predominância” em relação aos moradores do loteamento desde que este fora instalado havia aproximadamente trinta e cinco anos.

Portanto, o que realmente define a relação estabelecidos e outsiders é a forma como as próprias estruturas da sociedade, enquanto grupo organizado, moldam as formas de agir, pensar e viver dos seres humanos enquanto indivíduos. Ou seja, segundo os autores, não havia inimizades pessoais entre os indivíduos dos grupos diferentes, havia até uma convivência harmoniosa dentro

de determinados limites impostos pelo grupo dos estabelecidos aos seus próprios integrantes.

Isso é importante pois demonstra como os indivíduos são influenciados em suas atitudes e modos de pensar e agir a partir de determinações do grupo social do qual fazem parte e como a estigmatização de um grupo pelo outro se dá como um fator natural.

Essa análise abordada pelos autores é de grande relevância pois aponta para o questionamento de que não seria, naquele caso específico, a família a unidade básica primária da sociedade, como definem algumas abordagens sociológicas. Ela também se molda às estruturas impostas pela sociedade.

Outro ponto de discussão relevante apontada no texto, senão o principal, é com relação ao exercício de poder exercido por uma parcela da população, os estabelecidos, em relação aos demais e a aceitação dessa relação por parte dos outsiders. Pois na leitura atenta do livro, percebe-se nitidamente que os moradores da zona 3, o loteamento, sem o sentido de pertencimento ao bairro, sentiam-se realmente inferiores em relação aos estabelecidos da zona 2 (aldeia), aceitando, portanto, a exclusão do convívio com seus superiores, reconhecendo que os postos de poder político e social não lhes era de direito.

Portanto, o livro “Os estabelecidos e os outsiders” apresenta uma outra visão – não econômica – das relações de diferenciação e desigualdade existentes nas cidades, que leva ao questionamento se os elementos apontados pelos autores podem ser considerados na escala das grandes e médias cidades contemporâneas, como eles procuraram afirmar: um estudo localizado em uma pequena cidade pode servir de paradigma para estudos em outras escalas.

Está lançado o desafio aos estudos urbanos, sejam sociológicos, políticos, históricos ou geográficos, etc.